

Festival de Almada

De peças criadas a partir do universo de Tchekhov, à poesia de Jacques Brel dançada, muitos são os espetáculos desta edição



Al Majarrah Park, EAU

FICHA TÉCNICA

Proprietário e Editor: **Grupo BETAR**

Sede: **Av. Elias Garcia nº 53, 2º Esq. 1000-148 Lisboa**

Administração: **José Tiago de Pina Patrício de Mendonça**

Direção: **José Tiago de Pina Patrício de Mendonça**

Redatora: **Cátia Teixeira**

Design: **Jonas Reker**



Na sequência da Exposição de Pintura Jovens Artistas que decorreu no Grémio Literário, em Lisboa, durante o mês de maio, a Betar organizou uma Residência Artística para os vencedores do Prémio José Mendonça. Fique a saber mais sobre cada um destes artistas, na entrevista que lhes fizemos, e veja as imagens da produção que levaram a cabo, inspirados pela beleza e paz do Vale do Mondego.

Quanto a eventos culturais para o mês de julho, apesar de muitas pessoas saírem de Lisboa e Porto para férias, existem várias propostas, nomeadamente, os muito procurados festivais de cinema ao ar livre. Há semelhança de anos anteriores, Lisboa está repleta de iniciativas de cinema sob as estrelas. O Black Cat e o Cine Society regressam com obras galardoadas, e alguns clássicos, e no terraço do Capitólio serão exibidos filmes para toda a família.

Se prefere teatro, o Maria Matos sugere “A gorda”, interpretada por Maria Rueff; no Teatro Aberto pode ver “Caravana”; e no 43.º Festival de Almada haverá muitas peças clássicas, romances e poesia.

Concertos são também opções para um bom serão. Maria João, André Mehari e Carlos Bica juntam-se no Tivoli; Jason Moran atua na Casa da Música; no espaço de espetáculos do MACAM homenageia-se África, com Tugambique; o Coliseu dos Recreios propõe Belle and Sebastian; e ainda há espaço, claro, para o Festival ao Largo, com concertos incríveis, desta vez em Belém, uma vez que o Teatro Nacional de São Carlos se encontra em obras.



Mafalda Monteiro

editor convidado

BETAR

A Engenharia Civil não se dedica apenas a edifícios, pontes e estradas... Há vários anos que a Betar colabora com a SUPERFLEX em projetos de grandes instalações em espaços públicos



Localizado às margens do distrito histórico de Sharjah, nos Emirados Árabes Unidos, o Parque Al Majarrah foi redesenhado para permitir melhores condições a moradores e visitantes.

O novo projeto foi concebido pela SUPERFLEX em estreita colaboração com a Schul Landscape Architects, a KWY.studio e a Betar.

Numa tentativa de representar a memória coletiva de Mujarrah, objetos do quotidiano dos moradores, com significados especiais, foram recriados em esculturas monocromáticas em grande escala. Um trator de brincar, um kebab, uma bola de basquete, uma tâmara, um telefone, um livro... foram alguns dos objetos conectados com as memórias daquele lugar e daquelas pessoas. Os contornos de antigos pátios e casas inspiraram o formato das diferentes zonas do parque, e os caminhos irregulares sobem e descem como dunas, uma lembrança da paisagem que circunda a cidade.

Al Mujarrah Park

Projeto: 2020-2023

Obra: 2023-2026

Arquitectura: KWY.studio

Promotor: Sharjah Art Foundation

Âmbito: Fundações e estruturas

À CONVERSA COM

Artistas Vencedores do Prémio José Mendonça



Joana Coelho, Mariana Malheiro, Pedro-o-Novo, Renato Pires e Tomás Toste foram os vencedores do Prémio José Mendonça – 2º Prémio Artes Plásticas Betar.

Nesta entrevista, ficamos a conhecê-los melhor através das perguntas:

Como é que arte surgiu na sua vida?
Como descreve a sua obra?
O que achou da iniciativa da Betar?
E se é difícil ser artista em Portugal?

Joana Coelho

Considero arte como um instrumento epistemológico para gerar conhecimento. Os meus sentidos e interesses sempre estiveram alinhados com esta maneira de processar a experiência humana. Todos os meus pensamentos, sentimentos e memórias estão tecidos na forma como observo o mundo. E, isto significa tudo para mim. Vejo-me como um canal entre o visível e o invisível. Arte é, também, uma linguagem e, para a ler, é necessário estar conscientes dos símbolos que nos rodeiam.

A minha obra é uma trama de assuntos relacionados com mitologia e misticismo, psicologia e ecologia. Utilizo o desenho e a pintura como veículos para expressar sensações, paisagens mentais e narrativas que considero pertinentes à atualidade. A Natureza tem um papel fulcral na minha pesquisa. Vejo-a como uma entidade de regeneração da qual nos devemos reaproximar e reinterpretar. Imagens, mitos e códigos revelam o sensível e o invisível.

Extremamente pertinente, esta iniciativa! É raro haver projetos e instituições que deem a mão a artistas para produzir da maneira como a Betar providenciou, desde o alojamento e o acolhimento, aos materiais de produção, e, à liberdade que nos foi proposta. Houve a oportunidade de mergulhar pelos montes da Beira Alta

e de sentir o tempo de outra forma. Por entre as vinhas e os olivais, surgem as narrativas que ditam o processo. Da minha parte, resta-me agradecer profundamente pela estadia na Quinta de S. Lourenço, no “Lagar”, e não só.

Ser artista em Portugal, fácil, para já, ainda não é. Vivemos num país com uma infraestrutura económica que não consegue conferir estabilidade financeira à maioria dos artistas. É um caminho longo que requer persistência, disciplina e devoção. Daí oportunidades como a da Betar serem tão especiais, é um primeiro passo que deve ser tomado.

Pedro-o-Novo

Penso que a arte surgiu por ter tido um incentivo para o gosto artístico e literário em casa. Sempre fiz desenhos sobretudo durante as aulas, é uma espécie de característica.

Atualmente, estou em busca de um Novo Romantismo, inspirado na literatura e num espírito romântico. Procuro construir uma narrativa e, para isso, preciso de um cenário e uma personagem normalmente reconhecível. As minhas pinturas têm um aspeto, por vezes, kitsch, fantasiosas e ilustrativas, com um carácter de pintura antiga. Os temas e personagens costumam ser juvenis e/ou metáforas do meu estado de espírito ou de particularidades da personalidade. Tenho trabalhado a



pintura dentro da pintura, partindo do princípio de que os pintores pintam para os pintores. O atelier como cenário e motivo pictórico tornam-se um culto, uma veneração do arquétipo “pintura/tela/pintor”. Essas imagens são ícones, onde há uma correspondência na forma cruz com a cruzeta que se encontra nas traseiras das telas. Os desenhos que circundam as telas são esboços e estudos de personagens que irão habitar o estúdio. O assunto dessas pinturas é a história de um cavalete, ao estilo de um D. Quixote, que é um cavalete andante, neste caso. O cavalete é personificado e é o protagonista das pinturas. Ele atravessa um caminho campestre, onde existem telas, pincéis e paletas voadoras que fazem parte da paisagem. As pinturas têm um aspeto ilustrativo ao estilo Disney e há uma narrativa como se fosse uma ilustração de um conto.

Agradeço a iniciativa da Betar pelo apoio à criação artística de artistas emergentes. É fundamental este tipo de incentivo por várias razões, oportunidade de exposição e vendas, no caso da Betar a residência ser no concelho da Guarda com exposição no Museu Municipal para mim é essencial pela descentralização das artes plásticas.

Quanto a desafios, alguns dos mais complexos são a necessidade de acumular outras funções, é comum os artistas fazerem trabalhos noutras áreas. O mercado também é relativamente pequeno, com menos compradores e colecionadores do que noutros países. O financiamento limitado, com forte concorrência por bolsas e apoios públicos acabam por ser poucos para a quantidade de candidatos, poucos para uma gestão de uma carreira exclusivamente nacional.

Renato Pires

A arte surgiu quando era muito novo, através do desenho. As primeiras memórias que tenho são do meu irmão e dos seus desenhos nos cadernos da escola. Comecei a imitá-lo, por admiração. Naturalmente fui levando esta prática cada vez mais para a minha realidade e expressão.

Neste momento, a arte é a representação da minha observação sobre o quotidiano. O acontecimento, é o que verdadeiramente me inspira. Por vezes (ultimamente muitas vezes) a existência basta. Do espaço, do tempo, das coisas ao meu redor.

Acho muito boa a iniciativa e importante, pelo apoio à prática artística, à pintura e em concreto de todos os envolvidos, quer na exposição, quer na sua continuidade.

A minha vida enquanto artista já há muito tempo que é secundária. Mais precisamente desde a faculdade. Comecei a trabalhar para poder sustentar-me e, desde então, tudo o que são projetos ou a prática artística vem sempre depois do trabalho.

Tomás Toste

A arte e a produção da mesma surgem em contextos e alturas diferentes ao longo da minha vida, não como um ponto de partida único, mas como algo que vai

aparecendo e se tornando necessário em momentos distintos. Com o tempo, deixou de ser apenas uma prática e passou a ser um meio de construção de sentido, tanto no gesto de fazer como na forma de olhar.

O meu trabalho desenvolve-se a partir da pintura figurativa, tendo a natureza como principal universo visual para explorar a forma como reconhecemos e interpretamos uma imagem. Num contexto marcado pelo consumo acelerado de imagens, interessa-me criar pinturas que contrariem essa lógica, abrandando o olhar e exigindo tempo, dúvida e interpretação. Através de um gesto rápido e expressivo, as figuras permanecem num estado de indefinição entre a presença e o desaparecimento, tornando o espectador parte ativa da construção da imagem.

No contexto do Prémio José Mendonça, parece-me importante o espaço e visibilidade criados para a pintura num momento em que nem sempre é priorizada. É uma oportunidade relevante de confronto e circulação do trabalho, especialmente para artistas em diferentes fases de percurso, mas próximos em qualidade.

Muitas vezes não é tanto “difícil ser artista” no sentido romântico, mas sim o desafio de conseguir tempo, condições e estabilidade para continuar a produzir, então a dificuldade está mais na sobrevivência do que na prática artística em si.



Mariana Malheiro
Ana e Sara



Renato Pires
Sem Título



Pedro-o-Novo
Cena de campo



Tomás Toste
Sem Título



Joana Coelho
Sol Diásporo



s obras que apresentaram na exposição no Grémio Literário (algumas representadas na imagem) valeram aos vencedores a possibilidade de participar numa Residência Artística, na Guarda.

Inserida no Parque Natural da Serra da Estrela, na Freguesia de Aldeia Viçosa, as Quintas de São Lourenço e da Campanária foram o cenário perfeito para inspirar os artistas a produzir novas obras, onde só a Mariana, por motivos profissionais, não pôde comparecer. Entre os dias 15 e 26 de junho, os jovens pintores tiveram à sua disposição um espaço amplo, enquadrado pela beleza e paz do Vale do Mondego, e todo o material necessário para realizarem o trabalho objeto da Residência.

MAKING OF



Durante a Residência, cada um dos artistas produziu 3 obras que virão a integrar uma exposição no Museu da Guarda, entre os dias 9 e 26 de julho. Espreite em primeira mão. Convidámos os artistas a descrever em imagens o ambiente que se viveu naqueles dias e o resultado foi este...



SUGESTÕES

TEATRO



A gorda

Maria Luísa já não é gorda. Mas ainda pensa como gorda. Professora numa escola problemática, onde se defende que apenas a ação e os resultados interessam, fez uma cirurgia de redução de peso. O resultado foi um corpo com menos quarenta quilos.

A Gorda é uma história sobre amor-próprio, um imenso amor de juventude e o maior desgosto que se pode viver. Sobre o amor dos pais e a sua falta, com o Portugal florescente e contraditório do pós-25 de Abril como pano de fundo. A partir da obra homónima de Isabela Figueiredo, a encenação é de Sofia de Portugal e a interpretação de Maria Rueff.

DIAS 13, 14, 15, 20, 21 E 22 DE JULHO

Teatro Maria Matos, Lisboa

TEATRO

Caravana

Há uma caravana estacionada num terreno baldio de uma quinta. Serão as quatro fases da lua a intitular poeticamente os quatro atos da peça, a marcar o tempo da ação e a evolução psicológica das quatro personagens, identificadas apenas pelo seu género: Ele, o solitário habitante da caravana, e três mulheres desconhecidas, Ela, a Rapariga e a Mulher, que Ele traz para fugazes encontros noturnos na sua caravana. Os diálogos curtos, em que as personagens procuram conhecer-se (e esconder-se), desenrolam-se numa atmosfera de mistério que, de lua para lua, vai deixando entrever mágoas e estratégias de sobrevivência. **ATÉ 26 DE JULHO**



Teatro Aberto, Lisboa

Apesar de muitas pessoas saírem de Lisboa e Porto para férias este mês, existem várias propostas de eventos culturais. Se fica por cá, veja o que a Artes&Letras selecionou para si



43º Festival de Almada

Este ano o teatro, a dança, a performance, a música, o cabaret e as variedades propõem-nos as peças clássicas, os romances, a poesia. Espetáculos criados a partir do universo de Tchekhov, serão cinco, explorando-o, fascinados e fascinando-nos. Assistiremos também à poesia de Jacques Brel dançada e revisitaremos outros dramaturgos consagrados de distintas épocas.

Mais do que uma mostra do bom teatro que se faz no nosso país e no estrangeiro, esta edição do Festival de Almada voltará a ser o lugar de encontro entre artistas e público.

O Espetáculo de Honra coube à companhia alemã Familie Flöz, que regressa ao festival com “Teatro Delusio”; entre muitas outras peças imperdíveis, como “O Cume”, de Christoph Marthaler, ou a criação que a Companhia de Teatro de Almada estreia, assente em quatro peças curtas de Eugène Ionesco.

ENTRE 4 E 18 DE JULHO

Em Almada: o Teatro Municipal Joaquim Benite, Escola D. António da Costa, Fórum Municipal Romeu Correia e Academia Almadense
Em Lisboa: Centro Cultural de Belém, TNDMII e Teatro Variedades

MÚSICA



Maria João | André Mehmari | Carlos Bica

DIA 6 DE JULHO NO TEATRO TIVOLI BBVA, LISBOA

A notável cantora portuguesa Maria João, o virtuoso pianista brasileiro André Mehmari e o renomado contrabaixista português Carlos Bica juntam-se numa inédita colaboração. Três figuras incontornáveis do panorama do jazz apresentam temas originais e uma releitura de emblemáticos standards do género.

Jason Moran

DIA 13 DE JULHO NA CASA DA MÚSICA, PORTO

O pianista e compositor Jason Moran, figura ímpar do jazz mundial, vem a Portugal apresentar a sua aclamada e premiada obra, que conta com 15 álbuns e várias bandas sonoras para filmes e teatro. Encante-se com os registos ousados e inovadores que vincam um genuíno envolvimento com a história afroamericana.



Tugambique

DIA 19 DE JULHO NO À CAPELA LIVE ARTS & BAR - MACAM, LISBOA

O concerto Tugambique é uma homenagem à influência africana. Serão revisitados temas dos Duo Ouro, o “Barco Negro” de Amália; e temas do último álbum do fadista Jonas, “Maçã d’Adão”, um disco que celebra a força da diversidade cultural presente na génese do Fado e do nosso país.

Belle and Sebastian

DIA 21 DE JULHO NO COLISEU DOS RECREIOS, LISBOA

A banda escocesa regressa a Portugal com o espetáculo “If You’re Feeling Sinister”, considerado por muitos a obra-prima do grupo. No concerto vão tocar, na íntegra, o álbum de culto que celebra este ano o seu 30.º aniversário, bem como algumas das músicas mais reconhecidas da longa carreira da banda.



Millenium Festival ao Largo

N sua 18.ª edição, o icónico festival, que sempre aconteceu no Largo de São Carlos, deixa aquele lugar emblemático para se instalar na Praça Central do Centro Cultural de Belém, devido a obras no Teatro Nacional de São Carlos. No entanto, apesar da mudança de local, a organização assegura vários espetáculos de expressões de arte erudita (de ópera a bailado) gratuitos, seguindo a missão de democratização cultural que sempre pautou o festival.

Sob a direção artística do maestro Pedro Amaral, do Teatro Nacional de São Carlos, e dos coreógrafos Fernando Duarte, da Companhia Nacional de Bailado, e Rui Lopes Graça, dos Estúdios Victor Córdon, estão garantidas as atuações do Coro do Teatro Nacional de São Carlos, da Orquestra Sinfónica Portuguesa, da Companhia Nacional de Bailado e dos Estúdios Victor Córdon. **ENTRE OS DIAS 3 E 25 DE JULHO**

Centro Cultural de Belém,
Lisboa

PARA LER



O Século dos Imbecis Valter Hugo Mãe

A hipótese de um homem morrer de burro não seria tão controversa se não fosse evidente o fascínio que multidões revelam pela ignorância, bem mais do que pela sabedoria e sensatez. Atravessamos o século da informação, mas parecemos resistir ao conhecimento, como se o lúdico e o torpe definissem o propósito dos coletivos. Agilulfo é um marquês com tentação para a burrice. A pequena vila onde vive, gira em torno do estranho homem, que está no centro dos interesses de toda a gente. Entre o riso e o espanto, o absurdo e a mais nítida representação da esperança e da falha humana, a vida passa inteira por aqui.

Somos o Esquecimento que Seremos Héctor Abad Faciolince

A 25 de Agosto de 1987, o médico colombiano Héctor Abad Gómez é assassinado por paramilitares na cidade de Medellín, a poucos dias de umas eleições em que era candidato. Seis balas na cabeça puseram fim a uma vida de luta contra a opressão e a desigualdade social, num país amordaçado pelo narcotráfico e pela política suja. Vinte anos depois, o filho, Héctor Abad Faciolince, decidiu contar toda a história. O resultado é uma obra-prima belíssima, poderosa e comovente, uma história dilacerante sobre família, pertença, perda e luto, num comovente tributo à memória pessoal, familiar e política do seu pai.



CINEMA

Festivais de Cinema ao Ar Livre

Há semelhança de anos anteriores, Lisboa está repleta de iniciativas de cinema sob as estrelas. O Black Cat regressa com obras galardoadas como o vencedor de Melhor Filme nos Óscares 2026, “Batalha Atrás de Batalha”, o vencedor da Palma de Ouro de Cannes 2025, “Foi Só Um Acidente” e ainda “O Agente Secreto”, “Sem Alternativa” e “Valor Sentimental”. O Cine Society exhibe também os vencedores recentes dos Óscares e clássicos como “Férias em Roma” e “Casablanca”. E no terraço do Capitólio serão exibidos filmes para toda a família, entre clássicos e obras contemporâneas. Este ano destacamos ainda o Shortcutz, uma competição e mostra semanal de curtas-metragens, que decorre no Sociedade de Instrução Guilherme Cossoul, e tem como objetivo apoiar e estimular a produção e exibição de filmes de origem portuguesa.

DURANTE O VERÃO

Vários locais de Lisboa

ARTES

ESPIR(ITU)AL: ciclos de transformação infinita, de Dilayla Romeo

Centro cultural Franco Moçambicano, Maputo

Esta exposição de Dilayla Romeo nasce de um processo de reconexão da artista com a sua ancestralidade e desenvolve-se a partir de uma relação íntima com as plantas, entendidas não como representação, mas como presenças vivas, com as quais estabelece uma relação de escuta e cuidado. A mostra cruza fotografia, vídeo, som e instalação numa experiência sensível e contemplativa. Um espaço de imersão e desaceleração do olhar, que convida o público a uma experiência de maior proximidade com o mundo natural.

ATÉ DIA 1 DE AGOSTO



ARTES



Hurvin Anderson Tate Britain, Londres

A primeira grande exposição individual de Hurvin Anderson reúne mais de 80 das suas vibrantes pinturas, abrangendo toda a carreira do artista. Entre paisagens e cenas de interior, sempre repletas de cor, as obras de Anderson retratam membros da família, experiências da juventude e lugares com significado individual e cultural. Graças ao uso profundamente atmosférico da composição para explorar os marcadores de identidade, e ao seu profundo envolvimento com as tradições da pintura de paisagem britânica, esta exposição confirma Anderson como um dos mais importantes pintores contemporâneos da sua geração.

ATÉ 23 DE AGOSTO



Uzbequistão

Poucos já ouviram falar no Uzbequistão e muito menos pensaram em visitar mas, para aqueles que gostam de desafios, deixo um resumo das maravilhas que se podem encontrar naquele país da Ásia Central.

O meu roteiro começou em Tashkent. Não sendo propriamente bonita, a capital é uma cidade bem pensada, com avenidas largas, grandes jardins e edifícios que lembram a influência soviética do passado. E, surpreendam-se os mais céticos, as pessoas são acolhedoras e prestáveis.

Capital vista, rumámos de comboio a Samarcanda, aquela que é, para muitos, o ex-líbris da antiga Rota da Seda. Começámos pela Praça Registan, um majestoso complexo arquitetónico composto por três imponentes madrassas (antigas instituições de ensino islâmico). As expectativas estavam em alta mas, confesso, viria a surpreender-me ainda mais com Shakh-Zinda, com os seus sumptuosos mausoléus forrados a azulejos.

Seguiu-se Bukhara, que tem um centro histórico ainda mais interessante. Uma praça junto a um pequeno lago, várias mesquitas e madrassas, ricamente decoradas, e um belíssimo mercado e música na rua, fazem de Bukhara um lugar imperdível.

Por fim, Khiva. É praticamente impossível não nos apaixonarmos por aquela que é, provavelmente, uma das cidades mais fascinantes do Uzbequistão. A cidadela muralhada de Itchan Kala é encantadora, com edifícios de cor ocre, pontuados por magníficas cúpulas, minaretes e palácios em vários tons de azul.

O Uzbequistão foi mesmo uma ótima surpresa. Um país muçulmano, democrático, perfeitamente seguro, com comida saborosa, uma cultura autêntica e cidades que conservam o brilho dos tempos antigos.



B1 Betar

**DESDE 1973 NA VANGUARDA
DA ENGENHARIA**

Tiago Mendonça com alguns artistas na Quinta S. Lourenço